

## M A T É R I A . D E . C A P A

# Fellini se colocou de corpo inteiro nos filmes

O cinema do mestre italiano expôs culpas e contradições, de seu catolicismo blasfemo ao maldisfarçado ódio à burguesia e uma ternura sem fim pelo homem

VLADIMIR CARVALHO  
ESPECIAL PARA O JBr

Uma vez Gláuber Rocha chamou Fellini de "documentarista do sonho", mas o que ele era mesmo com toda a sua extravagante imaginação era um habilíssimo fazedor de autobiografia, e nesse sentido do autobiográfico de sua obra ninguém melhor do que ele para oferecer aos pósteros uma visão de sua própria personalidade, um caso verdadeiramente ímpar na história do cinema. Os outros grandes, por mais geniais que tenha sido, tinham *estilo*. Fellini não, tinha *biografia* e colocou-se todo, de corpo inteiro, em seus filmes. Os outros filmaram a condição humana, os dramas e as comédias de outros homens, aqui, acolá, ousando uns toques de autobiografia e um pouco de suas experiências de vida.

Fellini não foi arrasador: mais do que a chamada marca pessoal, colocou-se até o pescoço nos seus filmes, com suas contradições, seu catolicismo blasfemo, suas culpas e seus medos, seu amor-piedade irrealizado por Giulietta "Gelsomina" Masina, seu mal disfarçado ódio à burguesia, sua ternura sem fim pelo homem. Mas Fellini foi muito além do que permitia as regras da indústria cinematográfica, colocando-se como *centro*, como em sua fase final. Parecia zombar do sistema, muitas vezes com projetos fabulosamente onerosos, sobre os quais divulgava somente uma linhazinha, uma vaga idéia. Um pouco como Picasso de quem se disputava a cobiçada assinatura no quadro no afã do mercado, às vezes esquecendo o resto. Nesse sentido reinou soberano e mesmo seus filmes menos felizes não pararam de fazer soar a caixa registradora. Hollywood, mesmo destruindo o neorealismo e a própria indústria cinematográfica italiana, rendeu-se à evidência de seu gênio: adulou-o, implorou a sua presença nos estúdios, pendurou-se no seu saco, porém o máximo que conseguiu foi um pífio e curto discurso ralando o idioma inglês, no fundo sua picardia, dentro da pompa vazia da festa do Oscar.

Terno e lírico com os desprotegidos da sorte, na primeira fase (*Scelco Bianco*, *A Trapaça*, *Os Boas Vidas*, *A Estrada* e *Noites de Cabiria*) injetando sonho onde faltava esperança e sobrava miséria, fez as referências que bem quis ao passado em Rimini, às suas próprias dificuldades em sobreviver na Itália fascista de Mussolini, onde foi



Fellini morreu um dia depois de ter completado Bodas de Ouro com Giulietta Masina

desde falsário a caricaturista de porta de estação. Depois, senhor da situação, no irreversível sucesso, foi terrivelmente irreverente, mas sem perder a ternura, e muitas vezes um sádico implacável com os ricos, a hipocrisia, o mundanismo, a alienação burguesa, as pompas do Vaticano — enfim, a grande cloca pós-fascista. É só consultar a filmografia, a partir de *Oito e Meio*.

Tentaram em certa hora vê-lo como um gratuito apenas talentoso. Triste equívoco. Ele ficará como um dos maiores sátiros deste século, um crítico impiedoso da pretensão humana, mas um espírito livre, sem qualquer peia ou compromisso ideológico. Com Chaplin e Orson Welles forma a santíssima trindade de uma arte em decadência. Com sua morte o século fenece mais vazio e melancólico.

## FELLINI EM VÍDEO

- **OS BOAS-VIDAS** (I Vetelloni, 1953). Com Franco Interleggi, Alberto Sordi, Eleonora Ruflo. *Sagres Video*
- **A TRAPAÇA** (Il Bidone, 1955). Com Broderick Crawford, Franco Fabrizzi, Giulietta Masina. *Sagres*
- **NOITES DE CABIRIA** (Le Notti de Cabiria, 1957). Com Giulietta Masina. *VTI*
- **JULIETA DOS ESPÍRITOS** (Giulietta Degli Spiriti, 1965). Com Masina e Sandra Mile. *Warner*
- **SATYRICON** (Fellini Satyricon, 1969). Com Magali Noel, Max Born, Capucine. *Warner*
- **AMARCORD** (Amarcord, 1974). Com Magali Noel, Bruno Zanin, Ciccio Ingrassia. *Warner*
- **ENSAIO DE ORQUESTRA** (Prova d'Orchestra, 1978). Com Baldwin Baas. *Globo Video*
- **CIDADE DAS MULHERES** (Città delle Donne, 1980). Com Marcello Mastroianni. *Poletel*
- **GINGER E FRED** (Ginger e Fred, 1985). Com Mastroianni e Giulietta Masina. *F.J. Lucas*
- **ENTREVISTA** (Intervista, 1986). Com Fellini e Anita Ekberg. *Look*
- **A VOZ DA LUZ** (La Voce della Luna, 1990). Com Roberto Benigni. *Look*



Magali Noel, a Gradisca de *Amarcord*

## Uma inesquecível lição de desesperança

— Quando *A Doce Vida* surgiu nas telas, em meio a uma onda de escândalos mundano-clerical, Fellini deu aos jovens, que em 1960 tinham 20 anos, uma inesquecível lição de desamor e desesperança.

Uma iniciação difícil de ser esquecida. Num mundo que então nadava em abundância material, onde o espectro do desemprego que sufoca hoje a sociedade era algo inimaginável, Fellini rompia padrões para transmitir a angústia moral de seus personagens. Um momento importante no panorama cinematográfico dos anos 60, coroado imediatamente com o prêmio máximo do Festival de Cannes.

*La Dolce Vita* era o fascínio de uma Roma eterna, de um jornalista mundano (Marcello Mastroianni), uma mundana entediada (Anouk Aimée), um intelectual desesperado (Alain Cuny) e uma estrela do cinema Internacional (Anita Ekberg), que provocou escândalo ao disfarçar sua beleza nórdica de *monsignore* no Vaticano.

O filme mostrava um Mastroianni sensível, inventado por um Fellini disposto a envolver-nos no desamor que o jornalista dividia entre a prostituta, a dama da alta sociedade e a noiva frágil e apai-

xonada. Esse mesmo jornalista, um mito social daqueles anos — ao contrário do enfoque dado pelo norte-americano William Wyler em *Férias em Roma* serviu a Fellini para acabar com mitos e crenças.

Um filme que foi a mais amarga de suas obras e o que mais tocou na sensibilidade dos espectadores que começavam a conhecer as regras do jogo da vida. Um filme marcado por várias cenas inesquecíveis, mas principalmente uma, enfatizada pela filmagem em preto e branco. A cena final. O jornalista que se alimenta de uísque e cigarros assiste uma orgia na casa de um milionário.

Ao amanhecer, deixa a casa e se dirige a uma praia próxima, onde os primeiros raios de sol refletem contra a água. O jornalista se encontra cara a cara com menina que o observa com olhos sorridentes. Esse olhar de amor recém-descoberto devolve pouco a pouco o sorriso ao homem que já não crê em nada, nem em si mesmo. Mas entende que existe uma amanhã, que é preciso esperar.

Federico Fellini, o escandaloso, foi nessa ocasião um moralista. Acreditava na redenção do homem pelo homem. (Sérgio Berrocal — AFP)